

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA LITERATURA
PARA A INFÂNCIA NA ACADEMIA:
UM CONTRIBUTO CENTRAL E CORDIAL DE
MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**

Cláudia Sousa Pereira
CIDEHUS.UÉ – Universidade de Évora

Sem poder furtar-me à tristeza própria de momentos de despedida para um inevitável não-retorno, o tom menos académico, sem densas notas de rodapé, nem longas invocações de bibliografias incontornáveis, numa revista conceituada de uma Universidade prestigiada, como são a *Gaudium Sciendi* e a Universidade Católica Portuguesa, obrigou-me, neste breve texto, a não sair de questões académicas, lugar onde conheci, por lê-la, a nossa homenageada, que não o lerá já. Mais: nele encontrei a oportunidade de realçar a ousadia durante largos anos recompensada de, na Universidade Católica de Lisboa, terem coincidido a dedicação da Professora Maria Laura Bettencourt Pires à divulgação da investigação em Literatura e Cultura e uma das formações mais prestigiadas sobre o livro infantil, a Pós-Graduação em Livro Infantil, investimento que, quem a concluiu, tem revertido numa real, e desejavelmente multiplicável, melhor promoção e mediação da leitura junto dos leitores mais jovens.

Persistindo num campo dos estudos literários que está, felizmente, já longe da realidade de 1983, quando Maria Laura Bettencourt Pires publicou, no catálogo da editora lisboeta Vega, a sua *História da Literatura Infantil Portuguesa*, dedicar-me-ei a esta obra, comprada nos finais dos anos 90, cuja capa (figura 1) me fez então desconfiar do conteúdo, mas que encaro agora com uma ponta de nostalgia que me dá alguma tolerância e até a oportunidade de lhe acrescentar mais sentido. A par da recensão da obra, serviço mínimo da apresentação do objeto sobre o qual se fala, concentrar-me-ei, demorando mais, no “Prefácio” assinado por Adolfo Simões Müller (1909-1989) e na “Nota Final” da autora.

São três as mulheres que, dedicando-se à investigação, passo inaugural na sistematização e valorização de qualquer campo de estudos, publicam as primeiras

obras onde, criticamente, expõem no friso cronológico o *corpus* que materializa a literatura com destinatário infantil privilegiado. Esther de Lemos, em 1972, publicava numa edição do Estado (MEN-DGEP) *A Literatura Infantil em Portugal*, um texto corrido com cerca de 30 páginas. Natércia Rocha publicaria depois, respetivamente em 1987 e 1992, *Bibliografia Geral da Literatura Portuguesa para Crianças* e *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, em edições de iniciativa pública. Entre uma e outra, Maria Laura Bettencourt Pires ousaria entrar no meio da edição comercial, com a sua *História* o que não deixa de ser revelador de uma intenção, importante, em ir para lá dos limites dos “profissionais da educação”. Para ser justa, também não será de esquecer outra mulher, Alice Gomes, cujo trabalho de responsável de uma importante coletânea intitulada *Poesia para a Infância* (1955), a par do legado de autora, deixou um ensaio relativamente pouco conhecido, intitulado “O Autor e a Comunicação no Livro Infantil”, resultado de uma intervenção no âmbito da exposição de livros infantis realizada em Lisboa, entre 16 e 31 de outubro de 1972, e do *Ciclo de Conferências sobre Literatura Infantil*, opúsculo publicado também em 1972 pelo MEN-DGEP, com as mesmas dimensões e características do de Esther de Lemos. Mas concentremo-nos na *História* de Maria Laura Bettencourt Pires.

Na “Introdução”, para definir opções de metodologia e de seleção de marcos indispensáveis, a autora não descarta três perspetivas que, aliás, denotam uma posição de certa forma progressista perante o fenómeno literário: a própria eterna questão de definição do que é ou não literatura, sem perder muito tempo com a questão do destinatário, questão que, de resto, se resolve quando distingue livros infantis com características que não se definem pelo aspeto estético do texto; o facto de as produções estéticas em livro dependerem de um sistema mais vasto que implica outras instituições, como as do ensino e a do mercado; e, finalmente, a importância dos diálogos entre culturas várias, o que não reduz o adjetivo “portuguesa” desta literatura.

Assim, a investigadora começa o seu estudo prevenindo desde logo:

(...) para fazer a história da literatura infantil teremos que procurar as suas origens na literatura tradicional.

Embora as fontes tradicionais não tivessem sido consideradas literárias, apesar do seu interesse para a história da cultura e da antropologia, constituíram o substrato temático de muitas obras escritas. (Pires, 1983:19)

Consciente do sistema mais vasto em que a literatura, dentro da sua própria engrenagem, se insere, explica-nos:

“(...) do ponto de vista comercial, a literatura vem logo a seguir às obras de ficção científica, nas listas dos editores. As livrarias são praticamente “inundadas” por obras para crianças e chegam a organizar-se feiras anuais especializadas, como a de Leipzig, muito concorridas por editores e livreiros.

Estudos recentes sobre antropologia e psicologia e o aprofundamento das investigações sobre contos tradicionais orais vieram pôr em relevo a importância da literatura infantil.” (Pires, 1983: 20)

E, antes de resumir o percurso que a sua *História* tomará, Maria Laura Bettencourt Pires ultrapassa assim a questão do destinatário privilegiado:

“Ao pensar em escrever uma história da literatura infantil logo surge uma questão – o que é realmente essa literatura?

Levanta-se o problema de saber se as obras para crianças constituem um ramo da literatura em geral ou, se devido às suas origens e evolução, se têm de considerar totalmente à parte.

Atualmente sabe-se que tem que se recuar no tempo para determinar as origens desse tipo de literatura e que no início havia uma coincidência entre o que era escrito para as crianças e para os adultos.

Ao elaborar esta história da literatura infantil portuguesa irei seguindo a evolução cronológica não apenas do que foi escrito mais recentemente – quando se decidiu que a finalidade primordial era distrair-se as crianças – mas também de tudo o que elas pudessem ter ouvido e conhecido e que tenha, de algum modo, contribuído para a sua formação.” (Pires, 1983: 21).

Ao que nos apetece, hoje, acrescentar perguntando se isso não continua a acontecer ao longo da vida, pensando primeiro em literatura e, só depois, na segmentação por interesses de quem a lê. Mais adiante veremos como Adolfo Simões Müller também não se poupa a criticar a forma como se seccionam públicos leitores.

O trabalho segue, pois, um friso cronológico em que, para cada segmento temporal, se tratam as diferentes produções em função dos géneros – lírico, narrativo e dramático – e suas derivações. Os segmentos começam com o de uma pré-história que não destringia destinatários, em “Origem e evolução da literatura infantil portuguesa”

que trata desde os contos populares ao teatro medieval, passando, por exemplo, por catecismos, relatos de viagens ou literatura de cordel. Segue-se o tratamento, com capítulos individuais, sequencial e especificamente desde o século XVII ao século XX.

Diga-se, em abono da verdade e em facto completamente alheio à responsabilidade da autora, que o tratamento editorial da obra não é cuidado. Mesmo quando parece facilitar-se a vida ao leitor que revisita, com fins específicos, esta *História*, incluindo um índice onomástico, o que me parece ter sido uma intenção da investigadora e académica, as páginas frequentemente não acertam com o que se procura. Ainda a propósito de opções editoriais, volto à escolha da capa, esta presumo que em concordância com a autora, para a declarar, opinião pessoal que argumento, tão infantilizante como os mais preconceituosos textos icónicos que, durante décadas e ainda em algumas (sempre demasiadas) estantes, não estiveram nem estão ao nível estético dos textos verbais. Não sendo este um livro para crianças, se a ilustração da capa já nos pode servir para falar exatamente dessas discordâncias, chamemos-lhe assim, a opção dos tipos gráficos do título da *História* continuam a não fazer sentido e a não ser coerentes com a importância e qualidade do miolo deste trabalho académico. Dito isto, mais sentido nos faz, e é realmente importante, que esta obra de Maria Laura Bettencourt Pires seja, hoje, (re)lida pelos destinatários que merece: quem estuda literatura e se interessa por literatura para a infância. Mas concentremo-nos, sem mais delongas, no texto que Adolfo Simões Müller escreveu para prefaciá-la nossa *História*.

Adolfo Simões Müller foi conhecido pela sua preocupação em que a formação de jovens passasse pelo adjetivo “cultural” no sentido de erudição, informação acumulada de episódios e factos. Adaptar textos em função de um leitor é apenas um passo, muito importante, para despertar o gosto pelo conhecimento, o que resulta de informação sustentada, discutida, argumentada e predisposta a criar e defender opinião. É precisamente sobre uma intenção partilhada por prefaciador e autora - que os leitores de *História da Literatura Infantil Portuguesa* possam contribuir para a formação do “gosto pelo literário” - que todo o texto de Simões Müller se constrói.

Na senda de Eça de Queirós e da famosa crónica transformada em carta de Inglaterra, datada de 1881 e intitulada “Literatura de Natal”, que cita de cor, as farpas nas elites literárias dão o tom. Sendo também jornalista, Adolfo Simões Müller é

implacável com a comunicação social, em particular a que tinha responsabilidades no setor cultural. Veja-se este parágrafo:

“É, de facto, pitoresco o aspecto de certa imprensa, consagrando, com regularidade pendular, páginas inteiras ao rock, ao toureio, à telenovela, não sei a que mais, e deixando passar semanas e semanas sem dizer sequer ao estimado leitor que “foi posto à venda um livro de Fulano, com ilustrações de Beltrano e que se destina a crianças de tantos e tantos anos”. E digo “aspecto pitoresco”, incompreensível seria mais correcto, tanto mais que esses jornais são feitos, não por cantores ou músicos de jazz, não por toureiros ou desportistas, mas, na sua quase totalidade, por es-cri-to-res. Seria, assim, natural que todos eles pugnassem pela defesa e pela propaganda de uma actividade de que compartilham. É evidente que aludem, oportunamente, a alguns livros. De autores já consagrados, de amigos de casa – o que não fica mal a ninguém. Mas o registo, puro e simples, dos livros para crianças que dão entrada na redacção, quem é que o viu já, feito com oportunidade?” (Müller, 1983: 12)

Volvidas quatro décadas sobre estas palavras, é certo que o mercado do livro e, especialmente, as duas etapas do Plano Nacional de Leitura (2006-2016 e 2017-2027), acabaram por modificar este panorama tão criticado. Caiu-se até noutro extremo, o de anunciar tudo, ou quase tudo, como “literatura” para os mais novos. Como já afirmei noutro lugar (Pereira, 2007), perante o *boom* da publicação de livros infantojuvenis na transição de século em Portugal, impunha-se que a (in)formação disponibilizada aos adultos, que são quem escolhe o que as crianças vão ler, passasse por essa destrição entre livro e literatura. Parece-nos que estamos perante um caso que assenta muito mais na responsabilidade das “pessoas do livro”, do que na das “pessoas da criança”, designações de Peter Hollindale. Sendo que estas são imprescindíveis e centrais no gesto final da cadeia de produção do livro, enquanto aquelas são fundamentais na primeira leitura do objeto estético que se deseja que o livro seja.

Esta primeira *História da Literatura Infantil Portuguesa* de Maria Laura Bettencourt Pires foi o primeiro gesto neste sentido e Adolfo Simões Müller reconhece-o. Um gesto consciente e intencional, em perfeita sintonia com o caminho que viria a ser percorrido, e ainda não terminou, na legitimação da importância do estudo deste subsistema da literatura infantojuvenil como parte do sistema literário, sendo este uma

constelação de uma galáctica organização das ciências que estudam o ser humano, os seus ambientes e as suas “pegadas”, como ouvimos hoje dizer.

Na sua “Nota Final”, a nossa Professora menciona a existência da *International Youth Library* de Munique, fundada por Jella Lepman em 1954, e assinala a importância de, no *International Board on Books for Young People*, o IBBY que institucionalmente comemora o dia 2 de abril como o do livro infantil, existir desde 1968 uma delegação portuguesa. Também refere a situação do mercado destes livros no nosso país, nesses idos anos 80, e releva as reuniões e eventos de cariz científico que começavam a surgir, “vários cursos e ciclos de conferências” que correspondem a um “maior interesse pelo estudo propriamente dito da literatura infantil” (pág. 143).

Mas, para irmos terminando este testemunho de gratidão, importa não esquecermos que neste gesto de académica e investigadora em literatura e cultura, a Professora Maria Laura Bettencourt Pires não esqueceu que académicos e investigadores, antes de ganharem a distância necessária do seu objeto de estudo, têm motivações que não se desligam da intimidade e dos afetos. E neste texto final, confessa com a cordialidade de quem tem o coração nas mãos:

“Creio que, desde que ouvi a primeira canção de embalar ou o primeiro conto de fadas, o meu interesse pela literatura infantil nunca esmoreceu e aumentou, sem dúvida, quando inventei as primeiras histórias sobre Sinu, o bicho da maçã, para contar a meus filhos. A eles devo, portanto, as primeiras investigações práticas e a consciencialização da importância da literatura oral e escrita para as crianças que me levaria à investigação de que resultou o presente trabalho.

Muito me alegraria se, além do que significou para mim, esta História da Literatura Infantil pudesse, eventualmente, servir de instrumento de trabalho, de indicação de pistas de investigação ou até apenas de satisfação de curiosidade de alguns leitores.” (Pires, 1983: 143)

Se o sucesso dos resultados de uma investigação motivada sofre amiúde com circunstâncias que estão muito para além da qualidade desse trabalho, e que não são aqui ainda assunto,¹ à qualidade literária dos textos que se querem lidos por crianças e

¹ José Jorge Letria (Letria, 1994) e José António Gomes (Gomes, 1998) quando referem Adolfo Simões Müller nas visões históricas panorâmicas da edição de livros para crianças não esquecem que este autor foi sempre “do regime”, mesmo reconhecendo justamente a sua importância.

jovens não são alheias as motivações dos autores. Mas este é assunto que Adolfo Simões Müller desenvolve, na apreciação que faz das escolhas feitas, nesta História que prefacia, para os nomes que se constituam como marcos, *mainstream* ou, com todo o peso conceptual que o termo carrega, cânone. E Müller continua sem ser meigo, antes de enaltecer o escritor que toma como modelo ambivalente de criação e estudo, Antero de Quental, criticando:

“(...) os *escritores de nomeada* – os romancistas, os novelistas, os poetas, os dramaturgos, os ensaístas – tão ocupados andam com as suas altas lucubrações, que lá da estratosfera onde pairam mal divisam os pequenotes que, cá em baixo, se debatem, com as suas pobres asas de frango, para ver se alguém dá por eles, lhes estende a mão, pelo menos de “camarada”, e os chama ao seu convívio de associações e academias... Mas qual! Se não fogem deles como de sarmentos, acenam-lhes, de longe, com dois dedos generosos, e que passem muito bem, mais as suas histórias patetas.

Pobres ingénuos! Esquecem-se, lamentavelmente, de que (não tenham dúvidas) no dia em que faltarem esses escritores tontinhos, para meninos, para os seus filhos, quando estes perderem então o gosto de ler e amar o livro que lhes é destinado, bem podem, mais tarde, os papás continuar a escrever ensaios magistrais e profundos, poemas tão belos como incompreensíveis, romances tão longos como “originalmente” obedientes às mais modernas regras chegadas a Lisboa por telex, que ninguém os lerá. “(Müller, 1983:12)

Não podendo discordar de muito do que é dito, não conseguimos concordar com visão tão apocalíptica como a de Adolfo Simões Müller que, simultaneamente, tanto se preocupava em escrever versões de clássicos contando-os às crianças e explicando-os ao Povo. E não podemos deixar de aconselhar que quem queira enveredar pelo estudo do subsistema da literatura infantojuvenil comece por esta obra pioneira. Maria Laura Bettencourt Pires, iluminada pelas obras da famosa investigadora espanhola Carmo Bravo Villasante, em especial *Historia y Antologia de la Literatura Infantil Ibero-Americana* (1966) e *Historia de la Literatura Infantil Universal* (1977), deu em 1983 a

Na constelação das ciências sociais e humanas, literatura e política condicionam-se mutuamente e condicionam sucessos, não apenas de obras literárias, mas de trabalhos de investigação, em função do estatuto sociopolítico dos seus autores. Atualmente, chama-se a este fenómeno “cancelamento”.

quem frequentasse livrarias e tinha interesse em perceber a quem pedir conselhos sobre a qualidade das obras literárias dadas a ler aos mais novos, procurando nos antecessores a matriz dinâmica de tradições, inovações, revoluções. Sempre partindo do princípio de que não se fazem leitores de literatura sem se saber escolher literatura, e explicar essa escolha. Sem isso, é ficar à espera de “milagres” que, como sabemos, por serem raros, só acontecem, se acontecerem, quando menos se espera. E o inesperado não traz nada de novo, apanha cada um como está, e estará mais bem preparado quem saiba o que aconteceu antes. Esta obra de Maria Laura Bettencourt Pires é agora, força do destino de quem conquistou o direito a permanecer vivo na Memória, uma voz do Passado, guardiã de outras vozes ancestrais, e que, em cada leitura, se fará Presente.

É com a voz de Maria Laura Bettencourt Pires de há 40 anos, e tão atual ainda, que terminamos, lendo estas linhas da sua “Nota Final” que, como vimos, não será nunca final para nós, mas sempre uma oportunidade de a recomeçar, anualmente, em cada semestre letivo:

“A atualidade é de certo modo condicionada pelo que se passou anteriormente e por isso procurei quase sempre dar relevo às origens e à evolução dos diversos tipos de narrativas.

Perante a tendência dos nossos dias para a estandardização e o internacionalismo, é, até certo ponto, reconfortante verificar que a nossa literatura infantil tem raízes no passado e tem seguido uma evolução dos diversos tipos de narrativas.” (Pires, 1983:143).

Bem-haja, Senhora Professora.

Referências bibliográficas:

Gomes, Alice. *O Autor a Comunicação no Livro Infantil*, Lisboa: Dir. Geral da Educação Permanente, 1972.

Gomes, José António. *Para Uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: IPLB, 1998.

Hollindale, Peter. *The Hidden Teacher: Ideology and Children's Reading*. Jackson, USA: Thimble Press, 2011.

Lemos, Esther. *A Literatura Infantil em Portugal*, Lisboa: Dir. Geral da Educação Permanente, 1972.

Letria, José Jorge. *O Sentimento Mágico da Vida*. Lisboa: Escritor, 1994.

Müller, Adolfo Simões. «Prefácio» in Pires, Maria Laura Bettencourt. *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega, 1983, pp. 11-14.

Pereira, Cláudia Sousa. «Plano e Listas». Casa da Leitura: 2007. Disponível em <http://www.casadaleitura.org/>

Pires, Maria Laura Bettencourt. *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega, 1983.

Queirós, Eça de. *Cartas de Inglaterra*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1905.

Rocha, Natércia. *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Breve ICALP, 1992.

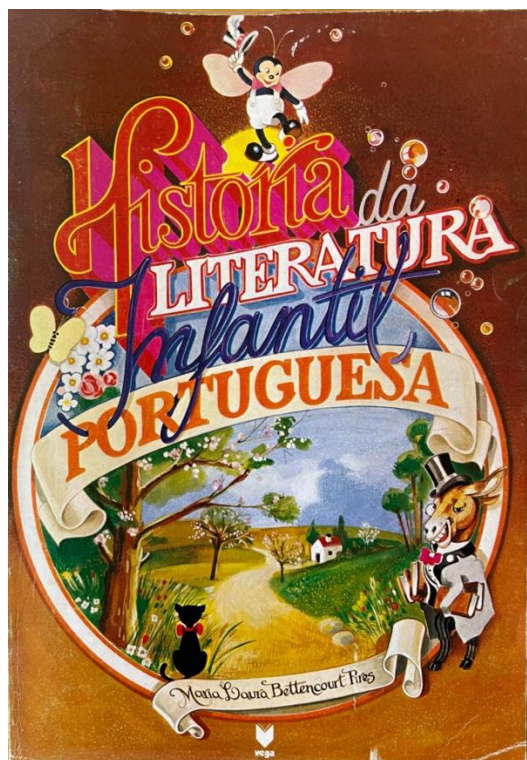


Figura 1

Cláudia Sousa Pereira é Professora Auxiliar com Agregação na Universidade de Évora e investigadora do CIDEHUS.UÉ ; cpereira@uevora.pt

BIONOTA

Licenciada e Mestre pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1990 e 1994), respetivamente em Línguas e Literaturas Modernas e em Literatura Comparada – época medieval, variante de Português e Francês. Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de Évora (2000), onde é professora auxiliar com agregação em Literatura (2021) e investigadora no CIDEHUS (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades). Tendo iniciado o seu percurso na Crítica Textual (edição do Iluminado nº 4 da Biblioteca Nacional), passou pelo romance de cavalaria do século XVI português (Jorge Ferreira de Vasconcelos), género menor e em “segunda mão”, tem, nos últimos 20 anos, publicado e formado nas áreas da Literatura e Cultura para a Infância e Juventude e da Promoção da Leitura e Educação Literárias. É membro de redes internacionais, como a Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil – ELOS, a LITER21 e a LIJMI (*Red Temática de Literaturas Infantis y Juveniles en el Marco Ibérico*), que promovem investigação nestas áreas. Muito do seu trabalho de laboratório, bem como o de extensão à comunidade, é feito junto de comunidades de leitura, onde observa e participa, ao lado de leitores que se juntam para discutir obras literárias, oportunidade para os convencer de que a literatura, para além do prazer de ler, tem um papel fundamental na sociedade e um lugar relevante nas ciências sociais. Nos últimos cinco anos, a sua produção científica tem também pugnado por uma maior relevância dos estudos literários nas abordagens a objetos de estudo que visam uma maior e melhor compreensão de fenómenos e produtos culturais que ocorrem em sociedade.

RESUMO

O presente texto é uma revisitação da importante obra da Professora Maria Laura Bettencourt Pires, incontornável para quem se dedica ao estudo consistente e persistente do subsistema da literatura e cultura infantojuvenil em Portugal. Trata-se da *História da Literatura Infantil em Portugal*, publicada na editora Vega em 1983 (ou 1982, já que as várias referências que encontrámos não concordam na data e a ausência desta na única edição não nos permitiu desambiguar a questão, pelo que optámos por 1983), e é a primeira sistematização, no panorama académico e editorial, etapa inaugural que se reclama quando se constitui um campo de estudos - a sua história – para prosseguir na teorização e aplicação nas abordagens mais consistentes de obras, autores e contextos. A obra é prefaciada por um dos vultos mais importantes do século XX no que respeita à divulgação de obras e figuras históricas, Adolfo Simões Müller, jornalista e autor que adaptou, em versões de leitura facilitada, obras clássicas e nos deixou relatos das vidas de grandes figuras universais, numa preocupação em disseminar, por um maior número possível de leitores, cultura no sentido de erudição por conhecimento de factos. O nosso texto tem em particular conta esse prefácio, ao mesmo tempo provocador e crítico de uma certa situação que vigorava à data da publicação da *História*, mas também a Nota Final da autora. A opção pela incidência do nosso foco nestes dois textos, prende-se com a relevância do pioneirismo do trabalho da professora Maria Laura Bettencourt Pires e com a sua elevada consciência da importância de se trabalhar uma literatura que, tendo em conta, no momento da sua criação, as competências limitadas dos leitores mais jovens, não cede um milímetro na qualidade literária. Mesmo quando, aos olhos de hoje, essa qualidade não se

desliga de certos preconceitos e de práticas e formas de pensar anacrônicas, sobretudo quando comparamos os livros publicados para crianças então, com os que são publicados nos dias de hoje. A esta qualidade da obra, a Professora e Investigadora acrescenta uma perspetiva que tem em conta fenómenos internacionais que conferem ao panorama português quer uma especificidade, quer uma integração que continuam a contribuir para a relevância do estudo da literatura e cultura para a infância e a juventude na academia e, acrescentamos, para além da preocupação com a formação de profissionais do ensino básico e secundário.

PALAVRAS-CHAVE:

história da literatura infantil em Portugal; Adolfo Simões Müller; leitura literária

Abstract

The present text is a revisitation of the important book by Professor Maria Laura Bettencourt Pires, indispensable for anyone dedicated to the consistent and persistent study of the subsystem of children's literature and culture in Portugal. It is *História da Literatura Infantil em Portugal*, published by Vega in 1983 (or 1982, as the several references we found do not agree on the date and the absence of this date in the only edition did not allow us to disambiguate the issue, so we opted for 1983). It is the first systematization, in the academic and editorial panorama, an inaugural stage that is required when a field of study - its history - is established in order to proceed in theorization and application in more consistent approaches to works, authors, and contexts. The work is prefaced by one of the most important figures of the 20th century as regards the dissemination of historical works and figures, Adolfo Simões Müller, a journalist and author who adapted, in easy-to-read versions, classic works and left us accounts of the lives of great universal figures, in a concern to disseminate, to the greatest possible number of readers, culture in the sense of erudition through knowledge of facts. Our text takes particular account of this preface, at the same time provocative and critical of a certain situation that existed at the time of the *História's* publication, as well as the author's final note. Our choice to focus on these two texts has to do with the relevance of the pioneering work of Professor Maria Laura Bettencourt Pires and her high awareness of the importance of working with a literature that, taking into account, at the time of its creation, the limited skills of younger readers, does not give an inch in literary quality. Even when, in today's eyes, this quality is not detached from certain prejudices and anachronistic practices and ways of thinking, especially when we compare the books published for children then with those published today. To this quality of the work, the professor and researcher adds a perspective that considers international phenomena that give the Portuguese panorama both a specificity and an integration that continue to contribute to the relevance of the study of literature and culture for children and young people in the academy and, we would add, beyond the concern with the training of professionals in primary and secondary education.

KEYWORDS:

history of children's literature in Portugal; Adolfo Simões Müller; literary reading

